

OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS: NOVO CAMPO DISCIPLINAR EMERGENTE?

Carlos Henrique Rodrigues*
Universidade Federal de Santa Catarina

Hanna Beer**
Universidade Federal de Juiz de Fora/
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Considerando que as pesquisas brasileiras sobre a tradução e a interpretação de/para/entre línguas de sinais podem ser reunidas sobre o que se apresenta como Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), realizamos uma reflexão sobre a emergência desse novo campo disciplinar em relação à sua vinculação direta aos Estudos da Tradução (ET) e aos Estudos da Interpretação (EI). Para tanto, apresentamos a interdependência e distinção fundamental entre os ET e os EI, realizamos uma busca por referências à interpretação e à tradução de línguas

* Doutor em Linguística Aplicada/ Estudos da Tradução e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Líder e pesquisador do InterTrads – Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e professor da área de Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais do Curso de Letras Libras EaD da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Email: carlos.rodrigues@ufsc.br

** Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com período de mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina pelo Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica. Integrante do InterTrads – Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais e bolsista voluntária do NALS – Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais, UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Email: hannafurtado@hotmail.com



Esta obra utiliza uma licença Creative Commons CC BY:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

de sinais em importantes obras dos ET e dos EI e traçamos uma reflexão sobre os ETILS no contexto brasileiro. Essa reflexão tomou como base: as pesquisas sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais feitas na pós-graduação e as quatro edições do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Sinais. Vimos que, ao mesmo tempo em que os ETILS se singularizam por seu objeto de estudo envolver uma língua gesto-visual, eles mantêm uma inegável e necessária vinculação com suas origens, já que não têm existência para além dos campos disciplinares dos ET e dos EI.

Palavras-chave: Tradução. Interpretação. Língua de Sinais. Estudos da Tradução. Estudos da Interpretação.

SIGN LANGUAGE TRANSLATION AND INTERPRETING STUDIES: A NEW ACADEMIC FIELD?

Abstract: Considering that Brazilian researches on translation and interpreting from/into/between sign languages can be combined into what is known as Sign Language Translation and Interpreting Studies (SLTIS), we carry out a reflection on the emergence of this new academic field and its direct connection to Translation Studies (TS) and Interpreting Studies (IS). Hence, we shall present the interdependence and fundamental distinction between TS and IS, search for references in the interpreting and translation of sign languages in major TS and IS writings, and reflect on the SLTIS in Brazil. This reflection is based on sign language translation and interpreting research carried out in graduate school and on the four editions of the National Conference on Sign Language Translation and Interpreting Research. We have observed that while the SLTIS stand out for involving a visual-gestural language, they also maintain an undeniable and necessary link to their origins, since they have no existence beyond the TS and IS academic fields.

Keywords: Translation. Interpreting. Sign Language. Translation Studies. Interpreting Studies.

Introdução

Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre o emergente campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) em relação à sua estrita filiação aos Estudos da

Tradução (ET) e aos Estudos da Interpretação (EI). Como campo extremamente jovem e em significativa expansão, os ETILS não possuem existência fora desses dois outros campos disciplinares. Na verdade, ao mesmo tempo em que se singulariza em relação a esses dois grandes e integrados campos disciplinares, mantém com eles uma inegável e explícita identificação e dependência.

De modo simples, o que nos permite diferenciar os ET e os EI é basicamente o seu objeto central de estudo, respectivamente, “a tradução e o traduzir” e “a interpretação e o interpretar”. Esses dois processos, embora cunhados na translação¹ de material linguístico-cultural de uma língua à outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente. Nesse sentido, esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável, e, ao mesmo tempo, distintos e singulares em relação à especificidade de seu foco de estudos.

Considerando essas relações e intercessões, traçamos uma breve reflexão sobre os ET e os EI e apresentamos um panorama geral do que seria o jovem campo dos ETILS no contexto brasileiro, no que tange a sua manifestação no ambiente acadêmico. Para construção de tal panorama, valemo-nos das pesquisas sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais feitas na pós-graduação brasileira e das quatro edições do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação.

O foco distinto dos campos disciplinares

O campo disciplinar dos ET constituiu-se e afirmou-se como tal na segunda metade do século XX. Entretanto, o nome do campo deve ser entendido como “uma designação coletiva e abrangente para todas as atividades de pesquisa que têm o fenômeno da tradução e do traduzir como sua base ou foco” (KOLLER, 1971 apud HOLMES, 2000, p. 176, *tradução nossa*). Naquele momento inicial de afirmação do campo, seu escopo era amplo e “tradução”

referia-se a toda e qualquer atividade de translação de material linguístico de uma língua a outra.

Na *Routledge* Enciclopédia de Estudos da Tradução, ao definir os ET como um campo de conhecimento acadêmico que tem como objetivo investigar a tradução, Mona Baker explica que o termo “tradução” refere-se à tradução literária e não literária, à interpretação, à dublagem e à legendagem (BAKER, 1998). Nesse sentido, o nascimento do campo disciplinar está cunhado na visão genérica e ampla do que é “tradução” sem evidenciar a necessidade de uma distinção entre “tradução” e “interpretação”, por exemplo.

Diante de tamanha abrangência, alguns teóricos encarregaram-se de propor certa caracterização desse campo disciplinar em relação aos limites de sua cobertura. Temos, basicamente, dois mapeamentos bem conhecidos: o de Holmes (1972) e o de Williams e Chesterman (2002). Esses autores propuseram uma organização para a área com o intuito de que a disciplina evidenciasse a diversidade de abordagens de seu objeto, ao mesmo tempo em que afirmasse seus fundamentos teóricos e metodológicos próprios. Ambos os mapeamentos ramificaram os ET em áreas e, até mesmo, subáreas, de acordo com diversidade de abordagens da tradução e do traduzir.

Uma breve análise desses mapeamentos demonstra que as áreas indicadas por Williams e Chesterman detalham campos de pesquisa que não são diretamente apontados por Holmes. Observamos que no mapeamento de Williams e Chesterman há uma subárea específica voltada à interpretação, sendo que no tópico “Tipos especiais de interpretação” está a interpretação de línguas de sinais ou para surdos. Entretanto, no mapeamento de Holmes, a interpretação apareceria no ramo dos estudos puros, categoria dos estudos teóricos, subcategoria das teorias parciais restritas ao meio, como uma forma de tradução oral humana.

Em ambos os mapeamentos, uma pesquisa que tenha como foco a tradução ou o traduzir pode não estar restrita a uma única subárea, visto que é possível que ela envolva características e especificidades que são foco de subáreas distintas. Outro ponto interessante é que, embora não haja uma referência à tradução ou

à interpretação de línguas de sinais no mapeamento de Holmes, é possível localizá-las nele. Já no de Williams e Chesterman não vemos referência direta à tradução em línguas de sinais. A ausência dessa referência à tradução de línguas de sinais está relacionada a aspectos históricos e teóricos já que a interpretação de línguas de sinais, socialmente demandada, logrou gradualmente seu reconhecimento social e acadêmico, e as discussões teóricas sobre a tradução de línguas de sinais são bem mais recentes, assim como sua visibilidade social.

É possível afirmar que o desenvolvimento e o amadurecimento do campo disciplinar dos ET conduz à distinção de áreas e subáreas e à sua especialização, evidenciando campos específicos de interesse que expressam os desenvolvimentos mais recentes e que nos permitem observar a trajetória da interpretação em direção à afirmação de um campo disciplinar específico.

Embora a localização da interpretação no campo dos ET seja ambígua, no sentido de ser posta como uma subárea ou (sub)disciplina, nos últimos anos, tivemos a reivindicação, por parte dos teóricos da interpretação, de um campo disciplinar específico com o mesmo reconhecimento e *status* dos ET. De acordo com Pöchhacker,

ainda que subordinada às compreensões e aos princípios fundamentais da tradução de forma geral, os Estudos da Interpretação distinguem-se claramente por seu único objeto de estudo, a saber, a tradução humana em “tempo-real” em um contexto comunicativo essencialmente compartilhado. (2009, p.128, *tradução nossa*).

A afirmação dos EI como um campo disciplinar específico é marcada pela publicação do *Reader* de Estudos da Interpretação, a qual ocorreu dois anos após a publicação do *Reader* de Estudos da Tradução. Na introdução do *Reader* de Estudos da Tradução, Lawrence Venuti (2000) afirma que a interpretação, devido ao seu volume e grau de especialização, demanda uma cobertura própria.

Nas palavras de Venuti (2000, p.2, tradução nossa),

o mapa dos estudos de tradução traçado aqui [no *Reader de Estudos da Tradução*], os seus centros e periferias, inclusões e exclusões, reflete a atual fragmentação do campo em subespecialidades, algumas empiricamente orientadas, outras hermenêutica e literariamente, e ainda algumas influenciadas de várias maneiras pela linguística e pelos estudos culturais resultando em sínteses produtivas. O esforço para lançar uma ampla cobertura não abrangeu certas áreas de pesquisa da tradução, cujo volume e grau de especialização exigem uma cobertura separada, independentemente da sua importância para os estudos da tradução (por exemplo, a interpretação e a tradução automática).

E é justamente a apresentação dessa cobertura específica e singular que Pöchhacker e Shlesinger pretendem com o *Reader*, visto que “embora a interpretação, como uma forma de mediação através de fronteiras linguísticas e culturais, tenha sido fundamental na comunicação humana desde os primórdios, seu reconhecimento, como algo a ser observado e estudado, é relativamente recente” (2002, p.1).

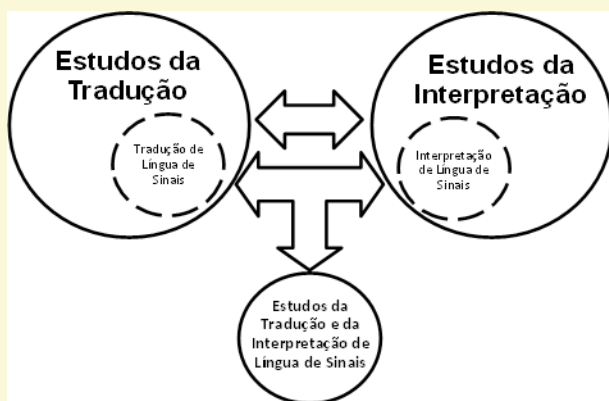
Vemos, portanto, que esses dois campos disciplinares emergem de certa maneira da Linguística Aplicada e ganham contornos específicos, inclusive, por meio de seu diálogo interdisciplinar com os mais variados campos do conhecimento, ainda que mantenham objetos de investigação específicos: “a tradução e o traduzir” em contraposição “à interpretação e o interpretar”.

O olhar da área sobre a tradução e a interpretação de sinais

A tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais não se encontram num campo disciplinar à parte dos ET ou dos EI, mas,

ao contrário, emergem desses campos e os compõem. Várias publicações recentes de renomados autores dos ET e dos EI mencionam as línguas de sinais e, por diversas vezes, tecem importantes considerações e reflexões. Esse reconhecimento, por parte dos teóricos dessas áreas, evidencia a inegável afirmação e ascensão das pesquisas envolvendo a tradução e a interpretação em línguas de sinais e desafia, cada vez mais, os novos pesquisadores a encaminharem suas investigações sobre a tradução e sobre a interpretação de línguas de sinais com base nos conhecimentos já produzidos por esses campos disciplinares.

Figura 1 – Interseção dos campos disciplinares e a localização dos ETILS



Fonte: os próprios autores

Portanto, as pesquisas sobre a tradução e o traduzir e sobre a interpretação e o interpretar envolvendo línguas de sinais inscrevem-se, respectivamente, nos ET e nos EI e se afirmam como uma vertente específica ao trazer as implicações da modalidade gesto-visual a esses campos disciplinares, ampliando e diversificando suas possibilidades de análise e reflexão. Além disso, contribuem,

também, com diversas reflexões e saberes relacionados à interpretação comunitária e interpretação de conferências, além de questões vinculadas a aspectos éticos, culturais e profissionais.

Para apresentarmos a referência² à tradução e à interpretação de línguas de sinais no campo dos ET e dos EI, selecionamos quatro importantes obras da área: (1) o *Reader* de Estudos da Tradução, editado por Lawrence Venuti, com a consultoria editorial de Mona Baker, e publicado em 2000; (2) o *Reader* de Estudos da Interpretação, editado por Franz Pöchhacker e Miriam Schlesinger e publicado em 2002; (3) o *Routledge Companion* de Estudos da Tradução, editado por Jeremy Munday e publicado em 2009; e (4) a segunda edição da *Routledge Enciclopédia* de Estudos da Tradução editada por Mona Baker, com o apoio de Gabriela Saldanha, e publicada em 2009³.

No *Reader* de Estudos da Tradução não encontramos nenhuma referência à tradução ou à interpretação de línguas de sinais. Acreditamos que essa ausência ocorra devido a diversos aspectos sociais e históricos, dentre eles, ao fato de que a intensa emergência de publicações na área abordando a tradução de línguas de sinais é muito incipiente e recente e, também, ao fato de que a interpretação de línguas de sinais tem conquistado maior visibilidade no campo teórico e acadêmico, como objeto de investigação, somente a partir da década de 1980.

No *Reader* de Estudos da Interpretação temos mais de sete referências à interpretação de línguas de sinais somente na introdução do material, seguidas por outras durante as apresentações das partes e os artigos que compõem a obra. Isso evidencia o reconhecimento explícito de seus editores, Pöchhacker e Schlesinger, da presença e da importância da interpretação de línguas de sinais ao campo disciplinar do EI.

Vale mencionar que encontramos um texto específico sobre interpretação de línguas de sinais, escrito por Granville Tate e Graham H. Turner e intitulado “*The Code and the Culture: Sign Language Interpreting - in search of the new breed’s ethics*” (Código e Cultura: Interpretação de Língua de Sinais - em busca da ética da

nova geração). Portanto, é possível afirmar que esse *Reader* contribui para a visibilidade da interpretação de línguas de sinais entre os teóricos dos EI e, até mesmo, dos teóricos dos ET. Vejamos alguns excertos das referências à interpretação de línguas de sinais, os quais foram selecionados a partir da busca por referências às línguas de sinais:

Quadro 1 – A interpretação de Línguas de Sinais no *Reader* de Estudos da Interpretação

PÖCHHACKER, F., SHLESINGER, M. <i>The Interpreting Studies Reader</i>. London: Routledge, 2002.
<i>Introduction: Interpreting Defined</i>
<i>p.2:</i> “A interpretação, normalmente na modalidade simultânea, é realizada em conferências e simpósios internacionais; no entanto, é mais frequentemente realizada com esta finalidade por [...] intérpretes de línguas de sinais formados ou não, [...] com variados níveis de formação e habilidades comunicativas”.
Introduction: The evolution of IS
<i>p.5:</i> “Como contrapartida para intérpretes de línguas de sinais, é possível citar o manual de Quigley e Young (1965): <i>Intepreting for Deaf people</i> ”.
<i>p.6:</i> “Pode-se também dizer que, nos três casos – interpretação de conferências, interpretação de línguas de sinais e interpretação comunitária (línguas orais) – um tempo considerável decorreu até que a abordagem prática fosse complementada por uma abordagem orientada pela pesquisa. [...] O mesmo ocorreu na interpretação de língua de sinais. [...] a pouca pesquisa no campo da língua de sinais enfatizou a necessidade de conhecimento linguístico e psicolinguístico e demandou pesquisa acerca do funcionamento da ‘tradução’ entre línguas de sinais e orais”.
<i>p.7:</i> “Enquanto a interpretação de língua de sinais se iniciava, a interpretação já vinha sendo explorada de posições privilegiadas da linguística e da teoria da comunicação pela “Escola de Leipzig” de pesquisa em tradução [...] o <i>Sign Language Studies</i> dedicou uma publicação à interpretação de línguas de sinais em 1986 atestando a crescente presença da pesquisa na área [...] Todavia, no início da década de 1990, significativos esforços de pesquisas estavam sendo publicados também nesses campos, embora por um pequeno número de pessoas, entre eles Berk-Seligson (1990a) sobre interpretação jurídica, Cokely (1992) sobre interpretação de língua de sinais [...]”.
Introduction: IS as a discipline
<i>p.8:</i> “Dentro deste vasto campo, há, também, encontros, normalmente em um contexto mais local, dedicados a subáreas específicas – interpretação de línguas de sinais, interpretação jurídica, interpretação médica etc – embora suas pautas tratem mais do campo profissional do que de pesquisa”.

Introduction: About this Reader
<i>p.10:</i> “Em nossa tentativa de expandir as várias formas que o objeto de pesquisa pode tomar, incluímos artigos sobre as duas principais modalidades de interpretação (simultânea e consecutiva) e modalidades de língua (oral e de sinais), assim como alguns dos muitos contextos nos quais os intérpretes apresentam um papel fundamental na interação”.
Chapter 1.2 (Apresentação)
<i>p.42:</i> “Ele [Pierre Oléron] produziu mais de uma dúzia de monografias, algumas das quais foram traduzidas para várias línguas, e cerca de 150 artigos em periódicos científicos e livros sobre variados assuntos, inclusive inteligência, aquisição de linguagem, educação de surdos, língua de sinais e retórica”.
Part 7 - (Re)Defining the Role: Introduction
<i>p.339:</i> “Intérpretes de línguas de sinais nos Estados Unidos e em outros lugares já avançaram significativamente em elucidar e (re)definir seu papel, ao estabelecer um código de ética profissional, programas de formação e certificação [...]”.
<i>p.341:</i> “Complementando a abordagem mais compartilhada entre os teóricos da interpretação em contexto comunitário, Granville Tate e Graham H. Turner, ambos com uma trajetória profissional em interpretação de língua de sinais (britânica), enfrentaram, com métodos de pesquisa das ciências sociais, a questão fundamental do papel do intérprete”.
Chapter 7.1 (Apresentação)
<i>p.344:</i> “Praticantes e pesquisadores da interpretação de línguas orais e de sinais têm enfatizado a identificação e a complexidade do papel do intérprete na interação interlinguística. [...] A maior parte do trabalho cotidiano de intérpretes de línguas de sinais se dá em situações de interação face-a-face. Não é de se estranhar que questões deontológicas e definições de papéis destacam-se nas preocupações dos intérpretes de línguas de sinais [...]”.
ROY, C. B. The Problem with Definitions, Descriptions, and the Role Metaphors of Interpreters
<i>p.345:</i> “Após uma breve discussão acerca das mudanças na profissão, descrevo algumas das metáforas que surgiram na interpretação e apresento um pequeno histórico das descrições metafóricas que surgiram na interpretação de língua de sinais”.
<i>p.346:</i> “Devido a distinção não incluir a interpretação entre línguas de sinais e orais [...] ou se uma ou ambas as línguas são de sinais, como as línguas de sinais dos surdos. Embora a menção de língua de sinais, na época, fosse novidade, as definições ainda se prendiam à distinção entre mensagens escritas como tradução e faladas ou sinalizadas como interpretação. [...] Essa abordagem agrupa toda e qualquer língua natural, seja ela oral ou sinalizada e revisa as definições de tradução (em seu sentido específico) e interpretação”.
<i>p.348:</i> “O intérprete de língua de sinais atua como um elo de comunicação entre pessoas, atuando apenas nessa qualidade”.
<i>p.349:</i> “[...] o campo da interpretação de língua de sinais tem sofrido fortes mudanças em sua terminologia devido ao reconhecimento da Língua de Sinais Americana como uma língua natural e independente utilizada por pessoas surdas que constituem uma minoria étnica e linguística [...] Familiares e amigos têm interpretado para pessoas surdas já há

muito tempo. A visão que tinham era que atuavam como meros ajudadores. Frishberg (1986:10) explica o desenvolvimento da interpretação da língua de sinais: ‘É evidente que a interpretação para pessoas surdas sempre teve seu lugar no consultório médico, na igreja e em outros contextos’”.

p.350: “[...] significa que não importa se sinalizavam ou não, se utilizavam a ASL ou um sistema de sinais inventado. [...] A ASL não só alcançou reconhecimento como língua natural das pessoas surdas, mas as atitudes linguísticas que envolvem seu uso começaram a mudar e, pela primeira vez, o uso de ASL em público tornou-se aceitável, em contextos externos ao grupo.

p.351: “Intérpretes de línguas de sinais e de línguas orais se reuniram na *Conference of Interpreter Trainers* (1983) para compartilhar o reconhecimento crescente de suas similaridades nos processos de interpretação e, por sua vez, as similaridades nas formações de intérpretes”.

TATE, G., TURNER, G. H. The Code and the Culture: Sign language interpreting - in search of the new breed’s ethics

p.373-383: “As análises do papel das responsabilidades dos intérpretes de línguas de sinais têm se desenvolvido continuamente desde o “surgimento” da profissão (Scott Gibson 1991). [...] Sentimos que o estudo fornece evidência à visão de que os intérpretes tipicamente se encontram prontos para relacionar suas ações ao Código [...]”.

A segunda edição da *Routledge Enciclopédia de Estudos da Tradução* traz referências à interpretação de línguas de sinais em alguns de seus verbetes: *Community Interpreting* (Interpretação Comunitária); *Conference interpreting, historical and cognitive perspectives* (Interpretação de Conferências: perspectivas históricas e cognitivas); *Dialogue Interpreting* (Interpretação de Diálogo); *Ethics* (Ética); *Sociological Approaches* (Abordagens Sociológicas); *British Tradition* (Tradição Britânica) e *Swedish tradition* (Tradição Sueca). Além dessas referências, temos a citação da disponibilização da Bíblia em diferentes línguas de sinais no verbete *Bible, Jewish and Christian* (Bíblia, Judaísmo e Cristianismo) e um verbete específico sobre *Signed Language Interpreting* (Interpretação de Língua de Sinais). Vejamos alguns excertos selecionados a partir da busca por referências às línguas de sinais:

Quadro 2 – A interpretação de Línguas de Sinais na *Routledge Enciclopédia de Estudos da Tradução*

BAKER, M., SALDANHA, G. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. 2nd edition. London: Routledge: 2009.
WADENSJÖ, C. Community Interpreting
p.43: “Por exemplo, na maioria dos países a interpretação entre línguas orais e de sinais nos mesmos contextos detalhados acima, é tradicionalmente chamada de interpretação de língua de sinais ao invés de interpretação comunitária”.
p.46: “Nos EUA foi estabelecido um Registro de Intérpretes para Surdos (RID) em 1964. O RID oferece duas certificações para intérpretes surdos: o Certificado de Intérprete Surdo (CDI) e a Permissão Condicional para Interpretação Jurídica Relé (CLIPR) [...] Na África do Sul, o Instituto de Tradutores Sul-Africanos (SATI) realiza exames de certificação para intérpretes de conferência, assim como para intérpretes de língua de sinais e, partindo principalmente do trabalho da <i>Truth and Reconciliation Commission</i> , também para ‘intérpretes <i>liaison</i> ’ (de acordo com a terminologia da Comissão)”.
GILE, D. Conference interpreting, historical and cognitive perspectives
p.51: “A interpretação consiste na tradução oral ou sinalizada de um discurso oral ou sinalizado, ao contrário da tradução oral de textos escritos. Este último é conhecido como tradução à primeira vista [...] Outras formas de interpretação incluem a interpretação empresarial, interpretação jurídica, interpretação comunitária e interpretação de línguas de sinais”.
p.52: “A interpretação simultânea também é realizada por intérpretes de línguas de sinais (ou intérpretes para surdos), geralmente de uma língua oral para uma língua de sinais e vice-versa. Intérpretes de línguas de sinais não utilizam uma cabine; eles ficam no mesmo ambiente em que o palestrante, onde ambos possam ser vistos”.
MASON, I. Dialogue Interpreting
p.81: “Primeiramente, a ID [Interpretação de Diálogo] envolve diálogos: duas ou três direções de troca de enunciados e significados, que são a base da conversação, ao invés de um monólogo, que é a forma mais frequente de interpretação de conferência e de algumas interpretações de línguas de sinais”.
INGHILLERI, M., MAIER, C. Ethics
p.102: “Em geral, códigos de ética dentro da profissão revelam uma forte e contínua ênfase nas noções de imparcialidade, neutralidade, precisão e fidelidade através de uma diversidade de contextos profissionais, incluindo os tradutores de contextos médicos, jurídicos e literários, de línguas de sinais e associações de interpretação de conferências”.
LEESON, L. Signed Language Interpreting
p.274-279: “O termo ‘signed language interpreting’ (ou ‘sign language interpreting’) normalmente se refere à interpretação entre uma língua de sinais e uma língua oral [...] O <i>The Sign Language Translator and Interpreter</i> caracteriza um marco importante para a promoção do conhecimento no campo e, também, cria novas oportunidades de colaboração a nível internacional”.

INGHILLERI, M. Sociological Approaches
p.281: “O trabalho de Bourdieu, o mais amplamente discutido dentro do campo, tem sido aplicado a uma série de questões empíricas e teóricas desde a tradução literária e não literária até a interpretação de língua de sinais e de serviços públicos [...]”.
ELLIS, R., OAKLEY-BROWN, L. British Tradition
p.354: “À luz destes desenvolvimentos, a última década do século XX e o princípio do século XXI testemunharam um aumento do interesse em estudos da tradução na Grã-Bretanha: novos periódicos de perspectivas bem distintas (<i>Translation and Literature</i> , 1993– <i>The Translator</i> , 1995– <i>The Interpreter and Translator Trainer</i> , 2007– <i>The Sign Language Translator and Interpreter</i> , 2007– <i>Translation Studies</i> , 2008–); novas series (tais como <i>Topics in Translation</i> , <i>Translation Theories Explored</i> , <i>Translation Practices Explained</i>) e, como visto anteriormente, vários cursos em tradução em todos os seus aspectos”.
WOLLIN, L. Swedish tradition
p.548: “Outra importante e crescente categoria de intérpretes envolve a interpretação de língua de sinais para surdos e pessoas com deficiência auditiva. Atualmente, há centenas de intérpretes de línguas de sinais trabalhando na Suécia (que é muito mais do que há algumas décadas, mas ainda muito menos do que o necessário) ”.

No *Companion* de Estudos da Tradução encontramos referência à interpretação de línguas de sinais em dois de seus artigos: *Tecnology and Translation* (Tecnologia e Tradução) e *Issues in Interpreting Studies* (Questões em Estudos da Interpretação) e menção à língua de sinais japonesa em um artigo sobre *Audiovisual Translation* (Tradução Audiovisual). A maioria das referências à interpretação de línguas de sinais encontra-se no artigo de Franz Pöchhacker, *Questões em Estudos da Interpretação*, o único da coletânea de nove artigos que trata dos EI. As diversas referências feitas pelo autor reafirmam sua posição de reconhecimento em relação à interpretação de línguas de sinais.

Ao final do *Companion*, temos o *Key concepts* (Conceitos chave) que traz três verbetes específicos da área da interpretação de línguas de sinais: *RID* (Registro de Intérpretes para Surdos), *Signed-Language Interpreting* (Interpretação de Língua de Sinais) e *Transliteration* (Transliteração). Além desses três verbetes específicos, encontramos referência à interpretação em línguas de sinais no conteúdo de outros três: *Inclusion* (Inclusão), *Relay Interpreting* (Interpretação Relé) e

Simultaneous Interpreting (Interpretação Simultânea). Vejamos algumas referências à interpretação de línguas de sinais nos artigos:

Quadro 3 – A interpretação de Línguas de Sinais no *Companion* de Estudos da Tradução

MUNDAY, J. (Ed.). <i>The Routledge Companion to Translation Studies</i>. London, New York: Routledge, 2009.
HARTLEY, T. Technology and Translation
p.110: “Há corpora com dados de texto, de fala e dados multimodais (como filmes legendados ou interpretação de língua de sinais) [...]”.
PÖCHHACKER, F. Issues in interpreting studies
p.131: “Apesar de sua equipe editorial ser claramente inclinada para as ciências cognitivas, a Interpretação foi expressamente aberta a ‘todas as áreas de interpretação’, incluindo a interpretação jurídica, a interpretação comunitária e a interpretação de língua de sinais”.
p.132: “[...] há a interpretação de diálogos em contextos internacionais (como na interpretação diplomática de alto-nível), assim como pode haver conferências de caráter comunitário nas quais intérpretes atuam (por exemplo, intérpretes de línguas de sinais)”.
p.133: “Esta definição de longo alcance evita a referência habitual a mensagens faladas e elegantemente também incorpora a interpretação de, para ou entre línguas de sinais, assim como as variantes da interpretação, como a ‘tradução à primeira vista’ e a legendagem ao vivo”.
p.136: “Isso também vale para a formação de intérpretes de línguas de sinais em vários países, até nos EUA, onde a interpretação nessa modalidade atingiu um grau de profissionalização impressionante, não só graças ao Registro de Intérpretes para Surdos (RID), mas onde a demanda legal para intérpretes em contextos educativos excede em muito a oferta de profissionais altamente qualificados”.
p.137: “O Código de Ética do RID que remonta a 1965, foi consideravelmente mais longe, uma vez que abordou princípios como a imparcialidade e a fidedignidade, que se cruzam com a questão muito discutida do papel do intérprete. Intérpretes de Língua de Sinais Americana de fato foram vanguardistas na formação do conceito do papel do intérprete, deixando de lado o ponto de vista de o intérprete ser um ‘condutor’ sem envolvimento (‘neutro’) e assumindo uma forma de ‘facilitador da comunicação’ mais visível e de um ‘especialista bilíngue-bicultural’ (ver Roy 1993), mais recentemente levando a questionamento o ‘mito da neutralidade’”.
p.138: “A adoção da interpretação remota tem sido particularmente importante nos contextos médico e jurídico, assim como no campo da interpretação de língua de sinais, em que aquilo que é conhecido como interpretação remota em vídeo (diferentemente do ‘serviço relé em vídeo’, que une o acesso por vídeo à chamada telefônica) está aumentando significativamente o acesso dos surdos aos serviços de interpretação”.

p.140: “[...] a tendência de aumento da interpretação ‘bilateral’, diante da sua demanda, deve facilitar a convergência entre os contextos de interpretação internacional e comunitária, com a interpretação de língua de sinais – entre a língua nacional e a respectiva língua de sinais do país – servindo como um paradigma bem estabelecido: embora intérpretes de sinais sejam vitais em serviços públicos e outros contextos comunitários, o aumento de oportunidades educacionais para os surdos também criam a necessidade de interpretação simultânea em contextos de conferência (por exemplo, Turner 2007)”.

CHIARO, D. Issues in Audiovisual Translation

p.159: “No entanto, tanto na Espanha quanto na Itália, a versão em DVD de Babel (2006, Alejandro González Iñárritu, França, EUA, México), um filme gravado originalmente em cinco línguas (Inglês, Espanhol Mexicano, Árabe, Japonês e Língua de Sinais Japonesa) [...]”.

Em suma, não encontramos nenhuma referência direta e específica à tradução de línguas de sinais nessas importantes obras dos ET e dos EI. Entretanto, vimos significativas referências à interpretação de línguas de sinais. Isso demonstra como a interpretação envolvendo línguas de sinais ganha cada vez mais visibilidade e logra espaço em meio às produções de grandes teóricos, principalmente, do campo dos EI. É inegável o reconhecimento e a presença marcante do ETILS nos campos disciplinares dos ET e dos EI.

Deslocamentos na formação e afirmação da área

Sabe-se que os primeiros intérpretes de línguas de sinais de que se têm registros eram práticos, sem nenhuma formação acadêmica. Na maioria dos casos, eram familiares e amigos dos surdos ou religiosos preocupados em oferecer assistência a eles ou evangelizá-los. Os primeiros espaços de atuação desses intérpretes práticos foram os ambientes familiares, as escolas especiais, as instituições especializadas e os contextos religiosos. Nesses espaços ocorria, na maioria das vezes, a interpretação simultânea, sendo que a tradução de sinais somente se estabeleceu posteriormente, principalmente, diante da necessidade de materiais acessíveis.

Santos (2010), ao abordar a formação de tradutores e intérpretes, afirma que as primeiras ações de formação circunscreveram-se

ao campo da educação. Num primeiro momento, os tradutores e os intérpretes de línguas de sinais encontraram apoio nas instituições educacionais e religiosas em que os surdos estavam presentes. Essas instituições foram as primeiras a realizarem cursos livres de curta duração com o objetivo de oferecer algum tipo de capacitação e formação aos profissionais que nelas atuavam.

Nesse sentido, os primórdios das trajetórias de formação dos profissionais tradutores e intérpretes de sinais no Brasil ocorreram em cursos livres que eram, na maioria dos casos, ministrados por intérpretes práticos que por sua trajetória e experiência assumiam a posição de professores formadores de intérpretes (SANTOS, 2006).

Com o passar dos anos, a interpretação e, por sua vez, a tradução de línguas de sinais foram aos poucos entrando para o contexto universitário como exigência de acessibilidade aos alunos surdos e, portanto, como (i) campo de atuação profissional; (ii) como curso de graduação e, por sua vez, como conteúdo de ensino; (iii) como temática de pesquisa e, também, (iv) como possibilidade de extensão. É importante citarmos a criação de cursos de graduação e de especialização para a formação de tradutores e de intérpretes de línguas de sinais, com destaque para o bacharelado em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, inaugurado no ano de 2008 em parceria com diversas instituições de ensino do país.

A maioria das primeiras pesquisas brasileiras abordando a tradução e ou a interpretação em línguas de sinais foi realizada em Programas de Pós-Graduação em Educação e não Letras, Linguística, Linguística Aplicada ou Estudos da Tradução (PEREIRA, 2010; SANTOS, 2013). Entretanto, vemos um deslocamento gradual dessas pesquisas da Pós-Graduação em Educação para a Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Tradução, assim como a mudança da formação dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais das esferas religiosa e educacional para a esfera acadêmica.

As tendências, os novos percursos de investigação sobre TILS [Tradução e Interpretação de Língua de Sinais], apontam para o refinamento dos objetos de pesquisa,

focando principalmente nos processos tradutórios e de interpretação. Os referenciais teóricos, tanto no contexto nacional como no internacional, passam cada vez mais a utilizar autores dos Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação. (SANTOS, 2013. p. 291).

Esses deslocamentos indicam o amadurecimento e a afirmação de um campo disciplinar específico, o qual claramente delinea o que vêm a ser os ETILS no Brasil. Segundo Pereira (2010, p. 112),

estes dados [dissertações e teses sobre tradução e interpretação de língua de sinais] evidenciam a abertura desta área aos estudos da interpretação de língua de sinais, antes nem reconhecidos como atividade profissional e agora um campo promissor que constrói seu embasamento teórico para legitimar a sua prática.

Vale mencionar que esse delineamento é concomitante ao movimento associativo dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais, tanto regionalmente quando nacionalmente, por meio de diversas associações de intérpretes e, também, da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guiaintérpretes de Língua de Sinais (FEBRAPILS), fundada em setembro de 2008.

Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais no Brasil

Diversos acontecimentos fomentaram e favoreceram a constituição dos ETILS. Dentre eles, é importante considerarmos a pesquisa produzida na pós-graduação *stricto sensu*, envolvendo a tradução e a interpretação de línguas de sinais e a realização do

Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação em 2008, 2010, 2012 e 2014, respectivamente.

As pesquisas na pós-graduação brasileira

Como a produção acadêmica sobre a Libras começou a surgir na década de oitenta, passaram-se mais de dez anos para o primeiro trabalho sobre a tradução surgir, em 1995. É provável que, nos primeiros anos, a ênfase tenha sido dada em sedimentar a concepção da língua de sinais como portadora de estatuto lingüístico equivalente a qualquer língua vocal e, só depois, outros aspectos tenham despertado interesse de investigação. (PEREIRA, 2010, p.110).

Entre 1995 e 2014, verificamos uma significativa produção acadêmica, sobre questões relacionadas à tradução e à interpretação de línguas de sinais, nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Muitos desses trabalhos são apresentados por Pereira (2010) no artigo *Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos*, por Vasconcellos (2010) em *Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”* e por Santos (2013) em sua tese intitulada *Tradução/ Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*.

Além de consultarmos essas publicações para elencar os trabalhos, realizamos também uma busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes, principalmente com o intuito de localizar as pesquisas concluídas entre 2010 e 2014, já que os trabalhos de Pereira (2010), Vasconcellos (2010) e Santos (2013) foram publicados anteriormente e não abarcam dissertações e teses posteriores a 2010. Vejamos os trabalhos:

Quadro 4 – Dissertações e teses com foco na interpretação e “gerais ou mistas”

Ano	Autor	Tipo	Área	Ano	Autor	Tipo	Área
1999	Pires	D/ I	Educação	2010	Constâncio	D/ I	Educação
2004	Leite	D/ I	Linguística Aplicada	2010	Almeida	D/ I	Educação
2005	Rossi	T/ I	Educação	2010	Miranda	D/ I	Educação
2005	Rosa	D/ I	Educação	2010	Passos	D/ I	Linguística
2005	Hortêncio	D/ I	Linguística Aplicada	2010	Nicoloso	D/ I	Estudos da Tradução
2006	Pedroso	T/ I	Educação Escolar	2010	Santana	D/ I	Literatura
2006	Filietaz	D/ I	Educação	2010	Belém	D/ I	Educação
2006	Lima	D/ I	Linguística	2011	Araújo	D/ I	Educação
2006	Santos	D/ I	Educação	2011	Nascimento	D/ I	Linguística Aplicada
2006	Zampiere	D/ I	Educação	2012	Machado	D/ I-T	Letras, Cultura e Regionalidade
2007	Marinho	D/ I	Linguística	2012	Barazzutti	D/ I	Estudos da Tradução
2007	Vieira	D/ I	Educação	2012	Nantes	D/ I	Educação
2007	Masutti	T/ I-T	Literatura	2012	Guimarães	D/ I	Educação
2008	Costa	D/ I	Ciências da Linguagem	2012	Lemos	D/ I	Linguística
2008	Pereira	D/ I	Linguística Aplicada	2012	Morais	D/ I	Educação
2008	Martins	D/ I	Educação	2012	Xavier	D/ I	Educação
2009	Tuxi	D/ I	Educação	2012	Santos	D/ I	Educação
2009	Martins	D/ I	Educação	2013	Rodrigues	T/ I	Linguística Aplicada
2009	Russo	D/ I	Educação	2013	Santos	T/ I-T	Estudos da Tradução
2009	Cordova	D/ I	Educação	2013	Souza	D/ I	Estudos da Tradução
2009	Silva	D/ I	Educação	2013	Felício	D/ I	Estudos da Tradução
2010	Gurgel	T/ I	Educação	2014	Barbosa	D/ I	Estudos da Tradução

Fonte: Dados coletados

Quadro 5 – Dissertações e teses com foco na tradução

Ano	Autor	Tipo	Área	Ano	Autor	Tipo	Área
1995	Ramos	D/ T	Letras	2010	Souza	D/ T	Estudos da Tradução
2000	Ramos	T/T	Letras Vernáculas	2010	Avelar	D/ T	Estudos da Tradução
2010	Segala	D/ T	Estudos da Tradução	2012	Castro	D/ T	Estudos da Tradução

Fonte: Dados coletados

Legenda: D/- dissertação; T/- tese; /T- tradução; /I- interpretação; /I-T- interpretação-tradução (gerais ou mistos)

Dentre os cinquenta trabalhos produzidos na pós-graduação brasileira envolvendo a temática da tradução e/ ou da interpretação de línguas de sinais, temos quarenta e um enfocando a interpretação de línguas de sinais, três “gerais ou mistos”, já que se referem tanto à tradução quanto à interpretação, e seis tendo como foco a tradução de línguas de sinais. Os trabalhos que decidimos chamar de “gerais ou mistos” são aqueles que tratam das temáticas da tradução e da interpretação ao mesmo tempo, sem a necessidade de distingui-las ou de se ater a apenas uma delas.

Em relação às pesquisas com foco na interpretação de línguas de sinais, temos trinta e sete dissertações: vinte e duas na pós-graduação em Educação, quatro em Linguística, quatro em Linguística Aplicada, cinco em Estudos da Tradução, uma em Literatura e uma em Ciências da Linguagem; e quatro teses: duas na pós-graduação em Educação, uma em Educação Escolar e uma em Linguística Aplicada.

Em relação às pesquisas com foco específico na tradução de línguas de sinais, temos uma tese realizada na pós-graduação em Letras Vernáculas e cinco dissertações, sendo quatro delas realizadas na pós-graduação em Estudos Tradução e uma realizada em Letras. Dos três trabalhos que denominamos como gerais ou mistos, temos uma tese realizada na pós-graduação em Literatura, outra realizada

em Estudos da Tradução e uma dissertação da pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade.

Como se pode observar acima, a primeira pesquisa realizada na pós-graduação brasileira tratando da tradução de línguas de sinais foi concluída em 1995 na área de Letras e a primeira tese em 2000 na área de Letras Vernáculas; a primeira pesquisa abordando a interpretação em línguas de sinais foi concluída em 1999, e a primeira tese em 2005, ambas na área da Educação. É interessante notar que a maioria dos trabalhos são dissertações abordando a interpretação de línguas de sinais e conduzidas em programas de pós-graduação em Educação.

Essas dissertações e teses demonstram o desenvolvimento das pesquisas envolvendo a tradução e/ ou a interpretação de línguas de sinais no Brasil e sua aproximação aos ET e aos EI. Além disso, grande parte dos autores desses trabalhos são intérpretes e tradutores de línguas de sinais, buscando sua inserção acadêmica por meio da pesquisa. Segundo Vasconcellos,

a inserção estratégica do tradutor e do intérprete de línguas de sinais em um campo disciplinar já estabelecido, longe de diminuir a importância de sua questão identitária, pode contribuir para o fortalecimento do empoderamento (“empowerment”) desses profissionais que, mesmo filiados a um campo disciplinar já constituído, não perdem sua especificidade ou visibilidade. (VASCONCELLOS, 2010, p.121).

Finalmente, ao analisarmos essas produções cronologicamente, considerando suas propostas e temáticas, podemos inferir que há certa tendência atual de ampliação das pesquisas na pós-graduação em Estudos da Tradução e o aprimoramento dos focos de pesquisa que, cada vez mais, se preocupam com os processos tradutórios e interpretativos e se afinam às perspectivas e arcabouços teóricos e metodológicos dos ET e dos EI, assim como já afirmou Santos (2013).

O Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Sinais

Um dos mecanismos de reunião, visibilidade e promoção de pesquisas são, sem dúvida, os eventos acadêmicos. É possível afirmar que, até o ano de 2008, as pesquisas sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais estavam fragmentadas em diversos congressos, simpósios, encontros e reuniões da Educação, da Linguística e dos ET, por exemplo. Entretanto, com o *I Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais*, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em outubro de 2008, essas pesquisas passaram a ganhar um caráter diferenciado e a se fortalecer enquanto campo acadêmico específico.

É evidente que o Congresso possibilitou o contato e intercâmbio de estudantes, profissionais e pesquisadores, tanto surdos quanto ouvintes, de diversas partes do Brasil e, inclusive, do exterior. Ao congregar pesquisas brasileiras, o evento deu um importante passo em direção à visibilidade dos ETILS no Brasil. Os Congressos seguintes prosseguiram com o movimento de afirmação, consolidação e fortalecimento da área, assim como com a difusão das investigações realizadas pelos pesquisadores da área de interpretação e de tradução de línguas de sinais.

Tabela 1 – Trabalhos nas duas primeiras edições do Congresso
Fonte: Dados coletados

Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira			
<i>Edição e Data</i>	<i>Comunicações</i>	<i>Pôsteres</i>	<i>Total de Trabalhos</i>
1ª Edição – 2008 09 e 10 de outubro	Não houve	Poucos	Impreciso
2ª Edição – 2010 25 a 27 de novembro	29	10	39

Tabela 2 – Trabalhos nas terceira e quarta edições do Congresso
 Fonte: Dados coletados

Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua Portuguesa			
Edição e Data	Comunicações	Pôsteres	Total de Trabalhos
3ª Edição – 2012 15 a 17 de agosto	31	52	83
4ª Edição – 2014 12 a 14 de novembro	22	99	121

Observamos, no quadro acima, um gradativo crescimento no total de pesquisas compartilhadas a cada edição do Congresso. Com exceção do Congresso de 2008, em todos os demais contamos com comunicações orais e pôsteres, além de palestras proferidas por pesquisadores nacionais e internacionais e por profissionais tradutores e intérpretes de sinais. É importante mencionar que a cada evento o número de participantes também aumentou consideravelmente e que muitos dos trabalhos apresentados decorrem das pesquisas de mestrado e doutorado concluídas ou em andamento. Vejamos o conteúdo das quatro edições do evento no que se refere aos palestrantes convidados:

Quadro 6 – Palestras e palestrantes das quatro edições do evento

Congresso Nacional de Pesquisa(s) em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira (Libras e Língua Portuguesa)	
Palestras/ Conferências	Palestrantes
<i>1ª Edição - 09 e 10 de outubro de 2008 (10 palestras – 2 palestrantes internacionais)</i>	
Proficiência Linguística dos Intérpretes de Língua de Sinais: o olhar dos avaliadores	Maria Cristina Pires Pereira
<i>The Cokely Model of Interpreting Process</i>	Trudy Schafer
A Atuação do Intérprete de Libras nos Espaços Educacionais: necessidades formativas	Cristina B. F. de Lacerda
Tradução e Interpretação de Língua de Sinais na Pós-graduação	Maria Lúcia Vasconcellos

Tradução e Interpretação em Fronteiras Literárias	Mara Lúcia Masutti
Políticas Públicas na Formação dos Intérpretes da Língua de Sinais no Estado do Paraná	Karin Lilian Strobel
O Papel do Intérprete Surdo para os Povos Surdos	Juan Carlos Druetta
<i>Gish Approach to Text Analysis</i>	Trudy Schaffer
Aspectos da Tradução da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira	Ronice Müller de Quadros
Uma história nossa: histórico das Associações dos intérpretes de língua de sinais no Brasil	Ricardo Ernani Sander
<i>2ª Edição - 25 a 27 de novembro de 2010 (09 palestras – 3 palestrantes internacionais)</i>	
<i>A Linguistic Analysis of the Interpreter's Role in Interaction</i>	Earl Fleetwood
Traduzindo o Gesto	Leland McCleary
Uma Revisita à Distinção Clássica entre línguas orais-auditivas e línguas gestuais-visuais-espaciais	Tarcísio de Arantes Leite
TILS na pós-graduação brasileira: palavras-chave, filiação teórico metodológica e recuperação de informação	Maria Lúcia Vasconcellos
Desafios da Tradução do Português para a Escrita de Língua de Sinais	Marianne Rossi Stumpf
<i>Towards a Deaf Translation Norm</i>	Christopher Stone
<i>The Interaction of Frames and Schema in ASL-English Interpreted Interaction</i>	Melaine Metzger
O Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais no Brasil: ontem, hoje e amanhã	Ronice M. de Quadros/ Silvana A. dos Santos
Código de Conduta Profissional\Ética	Ricardo Ernani Sander
<i>3ª Edição - 15 a 17 de agosto de 2012 (07 palestras – 3 palestrantes internacionais)</i>	
Ética: consumidor surdo, interpretação surda e comunidade surda	Steven Collins
Pesquisas na área de interpretação de Língua de Sinais e sua relevância para a atuação profissional	Markus Johannes Weinger
Definindo o papel do intérprete surdo	Robert Adam
A Ética e a Diferença na Construção do Sentido	Lynn M. T. M. de Souza
A Ética do Intérprete na Pesquisa, na Construção Léxico-terminológica e no registro Lexicográfico	Sandra P. F. do Nascimento
A Importância da Ética na Formação e Atuação do TILS	Gildete Amorim
Cenários de Tomadas de Decisões Éticas	Jan Fried
<i>4ª Edição - 12 a 14 de novembro de 2014 (08 palestras – 2 palestrantes internacionais)</i>	
Reflexões sobre a interpretação: Lições aprendidas	Dennis Cokely
A trajetória da pesquisa sobre interpretação de Libras/Português no Brasil	Silvana Aguiar dos Santos

'O Gato do Diabo tem Pena' - O papel do intérprete nas performances de poesia em línguas de sinais	Rachel Louise Sutton-Spence
As Formas de Tratamento na Interpretação da Libras para a Língua Portuguesa Brasileira	Maria Cristina Pires Pereira
Efeitos de Modalidade nos processos tradutório e interpretativo (Libras-Português)	Carlos Henrique Rodrigues
Confiança: tradutor e intérprete de libras/português com o público envolvido	Ronice Müller de Quadros
Intérprete educacional e os contornos da cultura escolar	Neiva de Aquino Albres
<i>Sight interpreting and sight translation - A Continuum</i>	Christian Rathmann

Fonte: Dados coletados

Esse quadro permite vislumbrar a emergência de pesquisadores nacionais e o intercâmbio com pesquisadores internacionais, tanto surdos quanto ouvintes, envolvidos com as reflexões sobre a tradução e a interpretação de línguas de sinais. Vemos que, cada vez mais, a vertente dos ETILS caracteriza-se por congregar profissionais e pesquisadores surdos e ouvintes em sua constituição diversa e plural.

É possível observar, também, um salto das duas primeiras edições do Congresso para a terceira e quarta edições. Além do dobro de pesquisas envolvidas, temos a mudança no nome do evento e a ampliação e redefinição dos eixos temáticos de apresentação das pesquisas, como podemos observar no quadro comparativo abaixo:

Quadro 7 – A alteração do nome e dos eixos temáticos as edições do evento

Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira (1ª e 2ª edições)
<ol style="list-style-type: none"> (1) Formação de intérpretes de língua de sinais; (2) Formação de tradutores de língua de sinais; (3) Discurso e tradução/ interpretação de/ para a língua de sinais; (4) Metodologias para implementar a tradução de/ para a língua de sinais; (5) Avaliação da tradução/w interpretação de/ para língua de sinais; (6) Tradução de/ para a escrita de sinais; (7) Metodologias para implementar a interpretação de/ para a língua de sinais; e (8) Formação de tradutores de língua de sinais.

Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução & Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (3^a e 4^a edições)

- (1) Tradução/ interpretação de língua de sinais: ética;
- (2) Tradução/ interpretação de língua de sinais: norma surda; (3) Políticas de tradução/ interpretação de língua de sinais;
- (4) Tradução/ interpretação de língua de sinais: identidades em questão;
- (5) Formação de tradutores/ intérpretes de língua de sinais;
- (6) Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais;
- (7) Metodologias para implementar a interpretação de/para a língua de sinais;
- (8) Discurso e tradução/ interpretação de/ para a língua de sinais;
- (9) Avaliação de tradução/ interpretação de/ para a língua de sinais; e
- (10) Tradução de/ para a escrita de sinais

Fonte: Dados coletados

Vemos que a realização regular do Congresso, sua consolidação e ampliação marcam um considerável avanço dos ETILS no Brasil e evidenciam o fortalecimento de um campo emergente que é total e integralmente afiliado aos ET e aos EI e que, portanto, também se caracteriza por sua diversidade e interdisciplinaridade na abordagem de seu objeto de estudos, a saber, a tradução e a interpretação intermodais, sejam elas intralinguísticas, interlinguísticas ou intersemióticas.

Considerações Finais

As línguas de sinais marcam a tradução e a interpretação, assim como o traduzir e o interpretar, com a questão da modalidade gesto-visual. Além disso, a intensificação da presença de tradutores e de intérpretes de sinais em diversas esferas sociais, desde as intrassociais até as internacionais, assim como a ampliação dos pesquisadores interessados em investigar os processos tradutórios e interpretativos de/para/entre línguas de sinais, oferecem diversas contribuições e desafios aos ET e aos EI do século XXI.

É visível a presença cada vez mais marcante de pesquisadores da tradução e da interpretação de línguas de sinais nos eventos da área, assim como dos intérpretes de sinais atuando nesses eventos, já que uma parcela desses profissionais e pesquisadores é formada por surdos. Além disso, as referências à interpretação de línguas

de sinais têm logrado cada vez mais espaço nas obras consideradas centrais aos ET e aos EI, evidenciando a inegável inserção dos ETILS nesses grandes campos disciplinares.

O evento que congrega as pesquisas brasileiras em tradução e em interpretação de línguas de sinais, assim como as pesquisas acadêmicas realizadas na pós-graduação brasileira, evidencia o vertiginoso crescimento dos ETILS em direção à sua maturidade acadêmica. Já é possível traçar um mapa das temáticas centrais e representativas dos ETILS no Brasil, assim como elencar os teóricos brasileiros que, atualmente, se destacam nesse novo e emergente campo.

Enfim, as reflexões propostas no decorrer deste texto convidam-nos a reconhecer e a celebrar os ETILS como um campo específico de conhecimento que congrega perspectivas dos ET e dos EI como base para a investigação da tradução e da interpretação envolvendo línguas gesto-visuais. Vimos que os ETILS têm uma existência única, pois ao mesmo tempo em que só têm razão de ser no interior dos ET e dos EI, eles projetam uma existência para além desses campos, no sentido de emergirem como uma profícua área interdisciplinar de investigação dos processos tradutórios e interpretativos intermodais.

Notas

1. Podemos de forma geral definir a translação como sendo “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (HURTADO ALBIR, 2001, p.41 apud HURTADO ALBIR, 2005, p.27). Considerando as semelhanças entre tradução e interpretação, Kade, em 1968, cunhou o termo alemão *translation* para englobar essas duas modalidades (apud PÖCHHACKER, 1992, p. 213). Reiss e Vermeer, em 1984, ao formularem uma Teoria Geral de Tradução e Interpretação (*Allgemeinen Translationstheorie*) usaram o mesmo termo. Portanto, usamos o termo aqui para nos referir ao

processo de condução de material linguístico de uma língua à outra sem indicar a definição da forma por meio da qual isso se operacionaliza.

2. Todos os excertos extraídos das obras, originalmente em inglês, foram devidamente traduzidos por nós com o intuito de tornar o material acessível aos leitores brasileiros falantes de português.

3. A primeira edição, publicada em 1998, contou com o apoio de Kirsten Malmkjær. Nessa edição temos o verbete “*Signed Language Interpreting*” de William P. Isham e já encontramos algumas referências à interpretação de línguas de sinais em outros verbetes, tais como no “*Community Interpreting*” de Cecília Wandesjõe e no “*Conference and Simultaneous Interpreting*” de Daniel Gile.

Referências

BAKER, M. (Org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

BAKER, M., SALDANHA, G. (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2.ed. Londres: Routledge, 2009.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies, 1972. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

HURTADO ALBIR, A. Traducción y traductología. Introducción a la Traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.19-58.

KOLLER, W. Übersetzen, Übersetzung und Übersetzer. Zu schwedischen Symposien über Probleme der Übersetzung, *Babel*, n.17, 1971.

MUNDAY, J. (Ed.). *The Routledge Companion to Translation Studies*. Londres, Nova York: Routledge, 2009.

PEREIRA, M. C. P. Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 99-117, out. 2010.

PÖCHHACKER, F. The role of theory in simultaneous interpreting. In: DOLLERUP, C.; LINDEGAARD, A. (Ed.). *Teaching translation and interpreting: training, talent and experience*. Amsterdam: Benjamins, 1992. p. 211-220.

PÖCHHACKER, F., SHLESINGER, M. *The Interpreting Studies Reader*. Londres: Routledge, 2002.

SANTOS, S. A. *Intérpretes de língua de sinais: Um estudo sobre as identidades*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2006.

SANTOS, S. A. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 145-164, out. 2010.

VASCONCELLOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 119-143, out. 2010.

VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies*, Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

Recebido em: 24/06/2015

Aceito em: 28/09/2015